

# Maringá declara guerra à recessão. Quem vencerá?

Defendendo a mobilização da comunidade no estilo do que aconteceu na Alemanha depois da guerra, para a recuperação da economia nacional, aproximadamente 100 empresários de Maringá — 200 mil habitantes, norte do Paraná — estão se unindo e fundando uma sociedade anônima para reativar a economia local, abrindo novas opções de exploração comercial e industrial, estimulando a produção de gêneros que a região normalmente "importa" de outros centros, reduzindo os custos e criando novos empregos.

A empresa já dispõe de uma área de

Maringá — fazendeiros, comerciantes, industriais, profissionais liberais, prestadores de serviços — vêm se reunindo quase diariamente para discutir as formas de "aquecer" a economia municipal. A primeira empresa fundada pelo grupo — Ingá Companhia Industrial de Alimentos — tem capital integralizado de Cr\$ 600 milhões e cada um dos empresários participa dela com cotas de Cr\$ 1 milhão ou Cr\$ 5 milhões, pagas em dez prestações.

A empresa já dispõe de uma área de

dez alqueires. A prefeitura doou o terreno ao prefeito, um dos maiores empresários da cidade, também faz parte do grupo, onde será construído um galpão com dois mil metros quadrados de área. "A empresa", e diz Prado Vermelho, "vai se dedicar primeiramente aos setores deficientes no mercado interno local. Vamos fabricar doces, pois 80% desses produtos vêm de outras regiões, sobretudo de São Paulo e Minas, o que é um absurdo, já que temos aqui todas as matérias-primas,

como leite, açúcar e as frutas". A fábrica de doces vai dar emprego para 200 pessoas.

A nova empresa pretende explorar também os demais recursos naturais da região, uma das maiores produtoras agrícolas do País, e que são habitualmente "exportados" in natura para outros centros, de onde retornam industrializados. A soja, por exemplo, vai para São Paulo, em estado bruto, e volta enlatada, na forma de óleo. Maringá "importa" todo o tipo de massas, quan-

do poderia fabricá-las no próprio município, grande produtor de trigo e milho.

O grupo não vai pedir empréstimos bancários, para "evitar o pagamento de juros sufocantes de 13% ao mês", explica Prado Vermelho, anunciando também um plano de combate aos aplicadores de poupança e em especulações no mercado financeiro, geralmente no eixo Rio-São Paulo. Em Maringá mesmo há pelo menos Cr\$ 10 bilhões aplicados em cadernetas de poupança.

"Quero transformar Maringá numa ilha de prosperidade, diante de um país em crise. O Paraná é o celeiro do Brasil na produção de alimentos e temos tudo para reverter as expectativas", afirma, confiante, o prefeito Said Ferreira, para quem "o esforço de reconstrução municipal já está dando resultados positivos".

"Em janeiro", diz ele, "o município arrecadava Cr\$ 716 milhões de ICM. Agora já estamos arrecadando Cr\$ 2,7 bilhões por mês". Nos primeiros seis meses de administração, enquanto em outros municípios as empresas faltam ou fechavam, 46 novas indústrias instalaram-se na cidade. Todas ligadas ao setor agroindustrial ou de implementos agrícolas.

"Estamos criando um cinturão verde, com hortigranjeiros, próximo ao parque industrial. Até agora, 95% das frutas e verduras que consumimos, 370 toneladas mensais, vêm de fora. A partir de agora vamos produzir essas 370 toneladas e abastecer as indústrias do setor de conservas que estão se instalando aqui. Temos terras férteis, mão-de-obra e disposição", afirma Said Ferreira.

A população, informada dos grandes e inéditos planos, observa tudo com grande interesse e motivação. "Estamos provando", conclui o prefeito, "que se os empresários e a população confiam nas propostas de seus administradores, é possível vencer a crise. O que nos falta, a nível nacional, é justamente isso: credibilidade nos administradores".

Continua na terça-feira

Raimundo Prado Vermelho, presidente da Associação Comercial e Industrial de Maringá, é um dos idealizadores do projeto: "A crise, profunda e séria, é um fato que está colocado como irreversível. A dívida externa está aí, foi feita de forma errada, mas tem de ser paga. De nada adianta ficarmos apenas lamentando. Estamos dando nossa contribuição. Se todos fizerem o mesmo, vamos tirar este país do buraco, mudando as estruturas de baixo para cima, já que o inverso não depende de nós".

O grupo de 100 empresários de